

# é a natureza dialéctica?

Sidney Hook, professor agregado de filosofia na Universidade de New York, num dos seus últimos livros trata, em 2 páginas, o problema das relações entre a dialéctica e a natureza. Os resultados surpreendentes a que chega levam-nos a analisá-los mais demoradamente. Para melhor compreensão dos leitores, reproduziremos as suas próprias palavras: «...a tentativa de aplicar a dialéctica à natureza deve ser considerada como incompatível com um ponto de partida, naturalista (realista). Em seguida afirma que «o próprio autor da crítica à Ideologia Alemã nunca fala duma Natur-Dialektik (Dialéctica da Natureza) embora soubesse perfeitamente que as transformações quantitativas graduais nas unidades fundamentais da física e da química têm como resultado transformações qualitativas», e que é o autor do «M. Dühring bouleverse la science» quem neste livro e na publicação póstuma «Dialektik und Natur» (Dialéctica e Natureza), «estende abertamente a dialéctica aos fenómenos naturais». Isto é devido ao facto de este último desconhecer a diferença entre o conceito de dialéctica que se opõe ao conceito físico de transformação e ao conceito biológico de desenvolvimento.

O autor de «Dialektik und Natur» escreve: «A dialéctica não é nada mais do que a ciência das leis universais do movimento e evolução na natureza, na sociedade humana e no conhecimento». S. H. comenta: «Portanto, praticamente todo o conhecimento cai dentro do seu (da dialéctica) campo de acção; e todos os pensadores de Thales para cá, podiam reivindicar, em algum sentido, ter avançado a ciência da dialéctica. Sómente um idealista pode aderir à conotação distintiva de dialéctica exposta acima e ainda acreditar que a natureza, independente do homem, é uma ilustração dela. As leis do movimento, de Galileu, e a história da vida dum insecto não têm nada a ver com a dialéctica excepto se compusermos que toda a natureza é espírito». E um pouco mais adiante: «Alguns materialistas dialécticos generalizaram por isso a ideia de dialéctica, aplicando a noção da emergência brusca de novas qualidades em todos os campos. Plekhanov, por ex., sustenta que a transição de 9 para 10 ou de 90 para 100 na contagem é uma evidência flagrante da dialéctica. Levantou-se confusão por causa das múltiplas e ambiguas referências ao termo Natur-Dialektik. Algumas vezes este termo não significa mais do que o facto-lugar-comum de que se podem observar modificações em todos os campos do conhecimento e da actividade. Outras vezes significa que todos os raciocínios da física devem operar com princípios contrastantes e complementares para satisfazerem às polaridades e oposições das estruturas da natureza. Mas nestes sentidos é estranho à concepção de dialéctica do autor da «Miséria de Filosofia», a qual (concepção) é histórica e restrita somente à consideração das causas, natureza e efeitos da actividade humana que destrói o equilíbrio duma sociedade polarizada e redetermina a direcção do movimento da sociedade. Neste último sentido, é o princípio da actividade social, o seu meio é o choque das camadas sociais, a sua finalidade (Spearhead), na sociedade actual, a transformação da estrutura social...

«Não há necessidade de mostrar que há saltos bruscos na natureza para justificar a transformação brusca na sociedade. Se os fenómenos naturais são continuos em todos os pontos ou descontinuos em alguns, isso é uma questão empírica, que não tem nada que ver com a solução de qualquer problema social... «Justificar a oposição das camadas sociais pela ciência ou pela natureza é implicar que toda a natureza é consciente—proposição que só um idealista Hegeliano aceitará. Os fenómenos naturais objectivos só são aplicáveis à dialéctica quando houver uma referência implícita à maneira como eles condicionam a actividade social e histórica. E como materialista o autor da «Miséria de Filosofia» acreditou que embora a actividade seja impossível sem a natureza, a própria natureza existiu, pode existir e existirá sem a actividade social».

Vemos pois que S. H. conclui que a dialéctica não é aplicável à natureza, não tem nada a ver com a Ciência e acusa de idealista quem tiver opinião contrária. Restringe assim o valor do método, atribuindo-lhe validade apenas numa parte da realidade total:—o domínio dos fenómenos económico-sociais.

Pretendemos, neste artigo, verificar o valor das afirmações de S. H.

Como o assunto é delicado e para que os leitores não familiarizados possam compreender melhor o problema, começaremos por definir o que seja o método dialéctico. Um

método é um meio de conhecer (1) que pela experiência, se revelou fecundo. Diremos que esse método é dialéctico se criticar ou explicar as coisas ou os fenómenos nas suas relações, movimentos ou transformações reais. Não será dialéctico se considerar as coisas ou os fenómenos isolados e imutáveis. A Dialéctica opõe-se, por conseguinte, à Metafísica a qual se preocupa com a coisa em si, isolada, com relações fantásticas—«os chamados problemas eternos»—a que não dá solução exactamente por serem fantásticos—falsos problemas.

Vejamos agora como aparece um método. Para maior clareza tomemos um exemplo concreto—o método experimental:—Inicia-se o estudo da matéria inerte. Explicam-se primeiramente os fenómenos pela intervenção de divindades (a causa dos fenómenos é apresentada como inteiramente estranha a eles); depois progride-se explicando-os como o produto de misteriosas faculdades e tendências ocultas nos corpos (por ex., as plantas crescem porque têm a faculdade aumentativa). Mas estas explicações não satisfazem as inteligências nem se apresentam fecundas no sentido do domínio efectivo da natureza que é a finalidade inicial da ciência. Experimentam-se então novos caminhos. As artes manuais fornecem uma primeira sugestão. Vamos ver se a nossa intervenção activa nos conduz a resultados positivos.

Surgem as primeiras experiências em domínios necessariamente particulares. São coroadas de êxitos animadores. Vejamos se o que se mostra tão fecundo neste estudo da matéria inerte se poderá também aplicar ao estudo da matéria viva. Fazem-se as primeiras observações interessadas e com um fim definido. Vitória! Os resultados neste novo domínio são brilhantes. Tinha-se encontrado um processo de investigação fecundíssimo que se estendeu depois à Psicologia e à Sociologia.

Verifica-se, por conseguinte, que a generalização dum método duma ciência particular a outras ciências é um progresso do conhecimento, o qual (progresso), como se vê, consiste em estabelecer relações entre fenómenos e conhecimentos parciais de modo a formar-se um todo de partes interdependentes.

Actualmente todas as ciências estão mais ou menos estreitamente relacionadas de maneira representável por um esquema

Matemáticas <—> Física <—> Química <—> Biologia <—> Sociologia <—> Filosofia <—> Matemáticas

Uma revisão crítica dos conhecimentos em todos os domínios revelou que eles são fecundos e verdadeiros quando traduzem as relações reais, as inter-acções e inter-transformações das coisas e que não tem sentido pensá-las como isoladas e imutáveis, quando a acção prática nos mostra que elas são interdependentes.

E assim apareceu a dialéctica.

Da sua aplicação à crítica dos conhecimentos e dos diferentes sistemas filosóficos concluiu-se que a relação ideia—> matéria (ideia ou espírito anterior e origem da matéria—proposição do idealismo) é uma relação fantástica, não real, que deve ser substituída pela inversa (matéria—> ideia) que se interpretará do seguinte modo: «a matéria é anterior ao espírito e a ideia implica a pre-existência dum ser pensante, o que não quer dizer que a ideia não seja posteriormente um factor de acção que influa, por sua vez, na transformação das coisas.

E assim o método além de dialéctico é materialista. (2)

O estudo da realidade política e social levou os fundadores do materialismo dialéctico à conclusão de que as relações—até aí estabelecidas entre os fenómenos da evolução humana, interpretados duma maneira idealista que os atribuía a actos humanos individuais, à intervenção de divindades e a outros delírios—não correspondiam à realidade objectiva e, informados pela economia política inglesa, a sociologia

(Continua na página seguinte)

(1) Conhecer é adequar o pensamento à realidade.

(2) Numa série de artigos que iniciaremos num dos próximos números procuraremos mostrar que o materialismo dialéctico é simultaneamente uma consciencialização e uma generalização fecundíssima dos métodos da ciência. Quere dizer: no mat. dial., torna-se explícito, sistematiza-se, um método já implícito e difuso nas ciências, generalizando-o em seguida à História e à Sociologia.